



PAISAGEM AFROSSONORA: UM SENTIDO AFRODIASPÓRICO PARA A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Gabriel Muniz de Souza Queiroz¹

Resumo: Este artigo apresenta uma proposição para a noção de paisagem, baseada na relação entre corporeidades negras e produção de espaços a partir da observação de sons em comunidades africanas e de sua diáspora. O conceito central é a “paisagem sonora afrodiaspórica”, ou “paisagem afrossonora”, que busca compreender como o elemento sonoro influencia na formação de lugares-territórios por meio da construção de identidades e experiências de pessoas negras em interação com o espaço. Isso inclui a observação de sonoridades, como música, ritmos, vozes, ruídos, etc.; experiências de imersão, ou seja, relatos de pessoas que vivenciam esses lugares; e diálogo com especialistas, como geógrafos, filósofos, professores de diversas áreas. O objetivo é desenvolver uma abordagem afroperspectiva para entender a relação entre corpo, espaço e som, considerando sentidos, perspectivas e valores culturais africanos e as experiências das comunidades africanas fora do continente. Essa pesquisa busca contribuir para uma compreensão mais profunda da relação entre as pessoas negras e os espaços que habitam, destacando a importância dos elementos sonoros na construção da identidade e da cultura que caracterizam os lugares-territórios.

Palavras-chave: Paisagens Sonoras; Paisagens Afrossonoras; Corporeidades Negras; Espaço Afrodiaspórico; Lugar-Território.

AFROSOUNDSCAPE: AN AFRODIASPORIC SENSE FOR THE PERCEPTION OF GEOGRAPHIC SPACE

Abstract: This article presents a proposition for the notion of landscape, based on the relationship between black corporeality and the production of spaces based on the observation of sounds in African communities and their diaspora. The central concept is the “afrodiasporic soundscape”, or “afrosoundscape”, which seeks to understand how the sound element influences the formation of places-territories through the construction of identities and experiences of black people in interaction

¹ Gabriel Muniz, Doutorando em Geografia (POSGEO-UFBA), mestre em Geografia (POSGEA-UFRGS), bacharel em Cinema e Audiovisual (UFPE) e tecnólogo em Design Gráfico (IFPE). Desde 2003 trabalha com audiovisual e design, especializando-se em captação de som direto e design de som. Atua como realizador audiovisual e artista sonoro, e desenvolve desde 2018 o projeto OuvidoChão, onde pesquisa e experimenta sonoridades afrodiaspóricas.

with space. This includes observing sounds, such as music, rhythms, voices, noises, etc.; immersion experiences, that is, reports from people who experience these places; and dialogue with experts, such as geographers, philosophers, teachers from different areas. The objective is to develop an afroperspective approach to understanding the relationship between body, space and sound, considering African senses, perspectives and cultural values and the experiences of african communities outside the continent. This research seeks to contribute to a deeper understanding of the relationship between black people and the spaces they inhabit, highlighting the importance of sound elements in the construction of identity and culture that characterize places-territories.

Keywords: Soundscapes; Afrosoundscapes; Black Corporealities; Afrodiasporic Space; Place-Territory.

PAISAJE AFROSONORO: UN SENTIDO AFRODIASPÓRICO PARA LA PERCEPCIÓN DEL ESPACIO GEOGRÁFICO

Resumen: Este artículo presenta una propuesta para la noción de paisaje, basada en la relación entre la corporalidad negra y la producción de espacios a partir de la observación de sonidos en comunidades africanas y su diáspora. El concepto central es el "paisaje sonoro afrodiaspórico", o "paisaje afrosonoro", que busca comprender cómo el elemento sonoro influye en la formación de lugares-territorios a través de la construcción de identidades y experiencias de las personas negras en interacción con el espacio. Esto incluye observar sonidos, como música, ritmos, voces, ruidos, etc.; experiencias de inmersión, es decir, relatos de personas que viven estos lugares; y diálogo con expertos, como geógrafos, filósofos, docentes de diferentes áreas. El objetivo es desarrollar un enfoque de afroperspectiva para comprender la relación entre cuerpo, espacio y sonido, considerando los sentidos, perspectivas y valores culturales africanos y las experiencias de las comunidades africanas fuera del continente. Esta investigación busca contribuir a una comprensión más profunda de la relación entre las personas negras y los espacios que habitan, destacando la importancia de los elementos sonoros en la construcción de identidad y cultura que caracterizan los lugares-territorios.

Palabras clave: Paisaje Sonoro; Paisaje Afrosonoro; Corporalidades Negras; Espacio Afrodiaspórico; Lugar-Territorio.

1. Introdução

Nos últimos anos nossa trajetória científica tem buscado a compreensão sobre a produção do espaço geográfico de características negro-africanas na diáspora brasileira, a partir da agência, do trânsito e da corporeidade negra que compõe nossa existência. De tal forma, o que apresentamos nesse artigo é fruto de deslocamentos, encontros, reconhecimentos e sintonias com lugares-territórios negros e seus modos de vida. Conhecer as especificidades dos modos de vida é de grande importância para a afirmação de suas presenças, a defesa de seus territórios e a valorização de suas identidades enquanto constituintes da pluralidade de culturas da diáspora africana no Brasil.

Nesse intuito, lançamos mão da categoria geográfica de paisagem para, a partir da percepção dos elementos sonoros que a constituem, refletir sobre como as corporeidades negras atuam como vetores de dinamização do movimento da

ancestralidade, caracterizando esse espaço como lugar-território africanizado na diáspora. Estudos sobre esse contexto em geografia, apoiam-se, de forma mais frequente em conceitos como território, lugar ou ambiente. Um dos diferenciais de nossa contribuição científica consiste no foco sobre a paisagem, em suas perspectivas material, simbólica e cosmológica.

Essa abordagem é fruto de um aprofundamento iniciado a partir de nossa atuação artística e militante, com o desenvolvimento da noção de paisagens sonoras afrodiáspóricas – ou paisagens afrossonoras – por meio da produção de documentários audiovisuais e experimentos em arte sonora, junto a alguns lugares-territórios negros nos estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Como desdobramento dessas atividades, a atuação científica gerou uma dissertação de mestrado em geografia, que elaborou as bases do recorte aqui apresentado.

Essas linhas se dedicam a apresentar de forma mais direta nossa proposição para leitura e percepção de paisagens sonoras a partir de uma perspectiva afrodiáspórica, pautada nas corporeidades, ontologias e epistemologias africanas, do continente e de sua diáspora. Apresentamos os fundamentos dessa elaboração a partir da presença, escuta atenta e integração com os espaços observados por meio da imersão do corpo enquanto totalidade perceptiva.

Será contextualizada, também, a noção de paisagem sonora conforme originalmente formulada, e como nosso pressuposto de interpretação estabelece um diálogo a partir de uma cosmopercepção afrodiáspórica. Em seguida, trataremos das especificidades das paisagens afrossonoras a partir de argumentações que discorrem sobre a primazia do sentido da visão pelo ocidente e sua relação de dominação do corpo a partir de critérios visuais.

Nesse contexto, apresentaremos algumas noções africanas e afrodiáspóricas de pessoa, corpo e palavra, enquanto fundamentos teóricos para o pressuposto da interpretação que temos vivenciado em nossas práticas. Buscamos apresentar as paisagens afrossonoras como caminhos para a percepção das especificidades de um espaço produzido e vivido por pessoas e comunidades negras, enquanto possibilidade de uso da dimensão sonora para reflexão científica e agência política em defesa de humanidades histórica e geograficamente desumanizadas pela violência colonial.

De tal forma, a proposição conceitual das paisagens sonoras afrodiáspóricas apresenta sua relevância no aspecto político, ao contribuir para a afirmação e defesa de lugares-territórios de características africanas na diáspora brasileira; no aspecto científico, ao debater características étnico-raciais na produção do espaço geográfico por meio da dimensão sonora, ainda pouco explorada em estudos no Brasil; e, por fim, destacamos a relevância no aspecto cultural, ao sugerir possibilidades de documentar a memória e produzir narrativas pautadas na oralidade e ancestralidade negro-africana.

2. Corporeidades Negras e o Espaço Geográfico

Um corpo no mundo e a busca por um lugar. Enquanto pessoas negras, temos refletido bastante nos últimos anos sobre presença, deslocamento e pertencimento. Essas variáveis podem ser levadas em consideração a partir de uma relação que

conecta nossa corporeidade a um transitar, muitas vezes errante, esvaziado de sentido. A um sentimento de perda. Ou mesmo a um estagnar, uma quase paralisia que transforma nosso movimento, nossa dinâmica corporal, em uma fixidez diante do espaço em que nos localizamos.

Em meio a essa miríade de pensamentos, sentimentos e possibilidades de agência, temos atuado mais frequentemente em obediência a uma necessidade de movimento. De tal modo, a construção de nossa presença vem se manifestado por meio do deslocamento, seguido de uma busca por pertencimento. Essa necessidade é como um impulso que nos convida a atuar. Uma agência que é política, artística e, mais recentemente, científica. Um movimento que se dinamiza a partir do corpo.

Essa relação do corpo com o espaço vem se desenhando como dinâmicas de encontro. Encontros de confluência, de compartilhamento, de reconhecimento. Em nossa perspectiva de corporeidade negra, entendemos tal reconhecimento a partir de outras pessoas negras. É como se aquele sentimento de perda fosse aos poucos se tornando um sentimento de conexão: o reencontro do elo com algo há muito perdido.

Temos, então, estabelecido um vínculo de individualidade-coletiva, compreendido cada vez mais como movimento da ancestralidade negro-africana na diáspora: uma relação que compreende o corpo como vetor de reconhecimento de cultura e identidade. De tal modo, nossa enunciação em segunda pessoa, mais do que sugerir uma suposta neutralidade científica, ressalta o sentido de coletividade, no qual o movimento de um corpo negro sobre o espaço da diáspora assume um caráter de busca, de reconhecimento de uma identidade.

Quando compreendemos esse movimento como manifestação da ancestralidade negro-africana, dialogamos com o professor Eduardo Oliveira (OLIVEIRA, 2005), para quem a ancestralidade se apresenta como elemento impulsionador de um movimento, que é a cultura, por meio da ritualização das memórias orais, sendo, assim, produtora de saberes. Nos referenciamos, ainda, na oralidade de mestras e mestres de saberes tradicionais, como Mestre Cica de Oyô, Mãe Paty de Oxum, Mestre Jaburu. Ressaltamos, assim, nosso vínculo epistemológico com os saberes do corpo, com as escritas do corpo.

A partir dessas relações, temos estudado atualmente no âmbito do doutorado em Geografia/UFBA a dinâmica através da qual a ancestralidade negro-africana opera sobre o espaço geográfico na construção de sentidos de mundo, configurando, assim, espacialidades de características afrodiáspóricas. Para tal empreitada, nos debruçamos sobre um aprofundamento iniciado com a dissertação de mestrado em Geografia/UFRGS (QUEIROZ, 2023), que trouxe como tema as paisagens sonoras no quilombo da família Flores.

Partindo da necessidade de movimento, enquanto homem negro e nordestino, chegar ao Rio Grande do Sul representou a experiência geográfica de deslocamento que inspirou as linhas anteriores do presente escrito. Em paralelo às agências militante e artística, uma das maiores motivações para essa mudança foi criar condições para pesquisar e experimentar de forma autônoma a noção de paisagem sonora, interesse oriundo de minha atuação como técnico de som direto e designer de som.

Diante de uma cultura bastante diferente da nordestina, em uma das capitais com maiores índices de racismo e xenofobia do Brasil, em pouco tempo o sentimento de não-pertencimento foi se afirmando como uma constante. Embora reconheça os vários momentos de acolhimento de pessoas gaúchas, o vínculo de pertencimento foi construído, de fato, junto às comunidades quilombolas de Porto Alegre: em especial os quilombos Flores, Fidélis, Machado e Família de Ouro.

Foi a partir do contato com o quilombo Flores, localizado no bairro Glória, que a ideia de pensar paisagem sonora em um sentido afrodiáspórico se tornou uma possibilidade concreta. A primeira visita a esse lugar-território² foi em 2017, durante a festa de aniversário de Geneci Flores, principal liderança do quilombo. Além da sensação de pertencimento e identificação com o modo de ser quilombola – já não me sentia estrangeiro –, tive a oportunidade de ouvir a apresentação da dupla de rap SNC (Sistema Negro no Comando), composta por Geneci e sua amiga Rosana Meireles.

Por meio desse encontro de corporeidades e identidades negras, manifestando cultura através de expressões da oralidade, como é a música rap, surgiu uma perspectiva de reflexão sobre a dimensão sonora de espaços afrodiáspóricos, enquanto índices de sua ancestralidade, inscrições de ontologias negro-africanas perceptíveis a partir das paisagens sonoras. De tal modo, encontramos um lugar de acolhimento e colaboração mútua, um campo para experimentação sonora orientada para o fortalecimento de comunidades por meio da observação, interpretação e composição de narrativas sonoras.

A partir de então, buscamos um aprofundamento maior sobre o sentido de “paisagem” em geografia, campo científico que representou um centramento em nossa encruzilhada epistemológica, junto a saberes da experiência cotidiana, saberes tradicionais, saberes de minha formação acadêmica anterior em design e cinema, além da bagagem cultural adquirida com as práticas artísticas e militantes que precederam o referido encontro. Por meio dessa confluência de saberes, iniciamos em 2018 o projeto OuvidoChão.

Pensado primeiramente como documentário audiovisual, formato que gerou dois filmes de curta-metragem (QUEIROZ, 2019, 2021), o OuvidoChão vem trabalhando a noção que apresentamos nesse escrito: a de paisagem sonora afrodiáspórica – ou paisagem afrossonora – de forma vinculada à construção de cartografias sonoras que ressaltem a memória ancestral e a afirmação da luta política de lugares-territórios negros. Além dos documentários, trabalhamos também linguagens de arte sonora, *podcasts* e, atualmente, um acervo digital, em fase de lançamento.

Nesse percurso, entre 2018 e 2019 tivemos a elaboração de OuvidoChão - Cartas Quilombolas (QUEIROZ; FRANCO, 2019)³, proposta através da qual participamos de uma residência artística no estado do Rio de Janeiro, onde fizemos experiências de imersão em 3 territórios negros na capital e na baixada fluminense.

² Em nossos estudos, temos considerado chamar de lugar-território os espaços de presença, corporeidade, resistência e ritualização de tradições afrodiáspóricas, a partir de um sentido de comunidade relacionado ao da individualidade representada por um corpo-território.

³ ‘OuvidoChão – Cartas Quilombolas’ foi uma instalação de arte tecnológica, realizada por Gabriel Muniz e Irla Franco e teve como artistas convidados Marina Alves e Negalê Jones. A obra foi exposta no Centro Cultural Oi Futuro, em agosto de 2019, no Rio de Janeiro-RJ.

Na comunidade do Camorim, Zona Oeste carioca, fomos recebidos por um morador local, Luiz Paulo de Araújo, que além de trabalhar como guia turístico em diversos bairros da região, era geógrafo de formação e experiência profissional.

Enquanto caminhávamos para coletar paisagens sonoras, Luiz nos falava da presença negra no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX, e sobre o percurso de formação territorial da cidade colonial, que, no seu processo de expansão, foi incorporando trilhas, toponímias e territórios construídos pelos povos originários e quilombolas já existentes. No momento em que passávamos pelo Parque Estadual da Pedra Branca, uma das coisas que o nosso guia comentou nos chamou especial atenção.

Luiz Paulo usou a expressão “marcas na paisagem”, para se referir às plantas de origem africana naquele trecho da Floresta da Tijuca como índices da provável presença de quilombos que teriam sido ali formados. Essa terminologia nos conduziu à reflexão sobre as possíveis marcas sonoras da presença negra nas paisagens que estávamos coletando. No entanto, era necessário desenvolver uma especificidade de observação, uma vez que nossa atenção era direcionada principalmente aos sons.

As primeiras respostas que foram surgindo diziam respeito às paisagens da negritude na atualidade – pessoas e suas formas de expressão oral e corporal. Mas em relação às paisagens do passado, como observá-las, uma vez que estes sons eram fenômenos inscritos em um espaço-tempo já transcorrido? Mais uma vez, refletimos sobre as corporeidades: as marcas das paisagens sonoras do passado eram passíveis de ser acessadas a partir das memórias preservadas pelas pessoas que vivenciavam aquele espaço não apenas como território, mas também como lugar.

Enquanto visitantes, estávamos na condição de interpretação de uma experiência na comunidade do Camorim, uma presença efêmera, a partir da qual coletamos algumas sonoridades. No entanto, sentimos a necessidade de associar as paisagens dessa experiência prévia às paisagens das vivências de pertencimento no lugar, de modo a construir representações de paisagens sonoras pautadas na intersubjetividade de percepções das pessoas negras que somos, em sintonia.

Dessa forma, a imersão artística no Rio de Janeiro foi marcada por uma busca de representações das paisagens sonoras de lugares-territórios em distintas temporalidades, a partir de uma interpretação vertical e harmônica – aqui pontuada em sentido geográfico –, tendo como base as corporeidades de pessoas negras. Durante o processo foi necessária uma escuta atenta para aprender a ler os sinais e as marcas na paisagem.

Para isso era imprescindível apreender as sonoridades através do sentir, em um exercício de imersão do corpo enquanto totalidade na experiência no espaço. De tal maneira, a ideia de experiência à qual nos referimos, tem relação direta com a dimensão do sentir. É a experiência – prolongada pela vivência – que marca de forma mais profunda, diretamente a partir do e sobre o corpo.

O que aqui pontuamos enquanto possibilidade epistemológica para a interpretação de paisagens sonoras se pauta na experiência de vida e de cotidiano em determinado espaço e se harmoniza diretamente com a abordagem de corpo sobre a qual falaremos mais adiante, ao tratar de ontologias negro-africanas e

modos de vida quilombolas. É uma perspectiva de relação de ser no mundo que se compreende integrada à natureza e ao espaço, imprimindo, dessa forma, suas marcas na paisagem.

É a escrita de um corpo transmigrante, aquele que para Beatriz Nascimento busca retomar uma imagem que lhe foi roubada:

Para Beatriz Nascimento o corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e na transmigração (por exemplo, da senzala para o quilombo, do campo para a cidade, do Nordeste para o Sudeste). Seus textos, sobretudo em *Ori*, apontam uma significativa preocupação com essa (re)definição corpórea. Neste tema, encontramos discorrendo acerca da sua própria imagem, da “perda da imagem” que atingia os(as) escravizados(as) e da busca dessa (ou de outra) imagem perdida na diáspora. (RATTS, 2006, p. 65)

A compreensão de paisagem sobre a qual tratamos se aproxima da ideia de afrografia⁴ de Leda Maria Martins (2021), enquanto uma geo-grafia negra, marca da presença de povos de origem africana impressos nos corpos negros e no espaço-tempo da diáspora, passíveis de observação, leitura e interpretação por metodologias próprias com base no campo das geografias negras (GUIMARÃES, 2020). Sua importância se insere em um contexto de apagamentos históricos e geográficos da presença negra e da negação de sua cultura e contribuição na produção do espaço no contexto brasileiro.

Um contexto que vêm produzindo ausências e invisibilidades a partir de um projeto de branqueamento da nação, por meio da afirmação da particularidade branco-europeia como padrão universal de civilização, imposto e difundido como marca da colonialidade, ainda hoje predominante na ciência moderna/colonial e na tradição de pensamento geográfico brasileiro.

Por esse viés, ao propormos uma abordagem que menciona as marcas na paisagem e a necessidade de uma postura de observação das mesmas a partir da escuta atenta e do corpo enquanto totalidade perceptiva, buscamos um percurso de produção de saber pluriversal (RAMOSE, 2011), de modo a contestar as marcas da colonialidade na ciência formal, além de investigar os índices de presença negra a partir dos saberes herdados, memórias orais e rituais de manifestação da cultura enquanto movimento da ancestralidade.

Se por um lado as marcas da colonialidade promovem o apagamento dos referenciais não brancos, criando inferiorização e invisibilidade, a leitura das paisagens sonoras a partir de uma sensibilidade negro-africana apresenta uma potencialidade para a afirmação dos povos subalternizados por meio das marcas de presença e pertencimento inscritas no espaço, nas palavras e nas memórias dos corpos individuais-coletivos que as compõem e emanam.

Com isso, ao destacar por essas linhas a importância de relatos de experiências e memórias de vivências enquanto discurso, afirmamos uma trajetória de construção científica que não dualiza teoria e prática, entendendo a unicidade desses termos no processo de elaboração de um pressuposto de interpretação de

⁴ Segundo Martins (2021), afrografia se refere aos traços de heranças africanas na diáspora, evocadas a partir das corporeidades e suas múltiplas possibilidades de expressão, sendo o corpo negro e suas práticas culturais os vetores de *performance* de memória.

paisagem sonora que possa ter utilidade para as narrativas de reivindicação das contribuições negra e indígena como protagonistas no processo de produção do espaço geográfico em nosso contexto de diáspora.

Sendo assim, o desenvolvimento da leitura de paisagens sonoras através da corporeidade em um sentido afrodiaspórico aponta para uma relação ontológica e epistemológica dos pesquisadores em suas experiências e vivências no espaço, com o espaço e sendo o próprio espaço. Um processo de sentir, pensar e fazer perceptivo a partir de uma construção teórico-prática que tem como base o pensamento/imaginação geográfica em uma perspectiva de dentro (GUIMARÃES, 2020), pautada por sintonias culturais estabelecidas de forma intersubjetiva.

Seguindo o movimento da ancestralidade que promove os encontros entre pessoas negras nas encruzilhadas da diáspora, propomos aqui uma perspectiva para a leitura e a interpretação de mundo que, apesar do trânsito interdisciplinar, ressalta a ciência geográfica como estudo do espaço produzido e vivido por humanidades historicamente subalternizadas pelo racismo científico, em meio ao pesar da colonialidade promovida por um suposto universalismo, violência imposta por uma particularidade cultural eurocêntrica.

3. Paisagem e Paisagem Sonora em Geografia

Na minha dissertação de mestrado, intitulada *Ecos de um Lugar-Território: Índices de Ancestralidade nas Paisagens Sonoras do Quilombo Flores entre 2018 e 2022* (QUEIROZ, 2023), trabalhamos uma considerável revisão bibliográfica acerca do conceito geográfico de paisagem, através da qual situamos nosso estudo no horizonte da abordagem cultural (CLAVAL 2002 apud SUESS 2017), a partir da variante humanista-cultural da geografia.

Partindo desse recorte, que trabalhou nas escalas do indivíduo e da comunidade da família Flores, para o presente estudo entendemos a importância de contextualizar a especificidade das paisagens sonoras, apontando a relação de nosso pensamento geográfico em relação à formulação original do conceito, de modo a introduzir o caminho que percorremos para a elaboração de um pressuposto de interpretação do espaço geográfico por meio das paisagens afrossonoras.

O termo *soundscape* (paisagem sonora), conforme desenvolvido desde os anos 1960 pelos estudos pioneiros de Murray Schafer, em obras como *A Afinação do Mundo* (2011) e *O Ouvindo Pensante* (2012), refere-se tanto ao ambiente acústico, como às representações do mesmo, por meio de dispositivos de gravação de áudio e suas possibilidades para a composição estética e narrativa, principalmente em termos musicais (SCHAFER, 2011).

De acordo com Schafer, esse ambiente acústico, entendido como dinâmico e transformável, poderia ser aperfeiçoado por meio de parâmetros estéticos e de possibilidades técnicas. A partir de seu referencial cultural, o autor associa valores que atribuem diferentes qualidades estéticas às dinâmicas de produção do espaço pelas sociedades que a dinamizam, tais como as noções de “baixa qualidade” e de “alta qualidade”, relacionando-as, de forma geral, a ambientes urbanos e rurais, respectivamente.

Por meio de analogias às estruturas indicadas pelos estudos da Teoria da Gestalt⁵, Schafer aponta uma abordagem de percepção do espaço acústico em que os significados dos eventos sonoros adicionados a sistemas de valores culturais, tornam-se signos. Esses eventos, então, podem também ser entendidos como sinais, símbolos, marcas, sons fundamentais e ruídos, percebidos na experiência direta do campo sonoro observado a partir de uma perspectiva de figura e fundo (MALANSKI, 2017; SCHAFFER, 2011).

A elaboração de Schafer teve grande importância para a evolução dos estudos sobre som, ao propor categorias de análise da dimensão sonora do espaço, que foram amplamente utilizadas por diversos campos disciplinares como Ciências Sociais, Planejamento Urbano e Regional, Geografia, Música e Comunicação. No entanto, a amplitude desse conceito carecia de um aprofundamento posterior por novos pesquisadores, o que era sugerido pelo próprio autor (SCHAFFER, 2011).

A partir do estudo de Thaís Aragão (2019), pudemos ter uma noção do contexto recente de discussões sobre o conceito de paisagem sonora em sua diversidade de interpretações. Ela apresenta uma série de críticas, apontadas por alguns autores, sobre os usos correntes e até mesmo sobre a relevância da aplicação do termo em textos acadêmicos. Aragão afirma que “múltiplos entendimentos podem ser identificados atualmente no âmbito das pesquisas acadêmicas sem que as diferenças entre eles sejam abordadas de maneira mais explícita.” (ARAGÃO, 2019, p. 1).

Dada a amplitude conceitual de paisagem sonora conforme conceito desenvolvido por Schafer, nesse contexto de multiplicidade das compreensões, se, por um lado, a adoção do termo em vários casos vem acontecendo de maneira superficial, por outro, também muitas readequações ou redefinições têm sido produzidas. Assim, entre as críticas levantadas, existem as que apontam que as contradições internas da formulação original, apesar de sua popularidade, acarretam a generalizada falta de rigor em sua aplicação.

Algumas dessas problematizações nos interessam mais diretamente, tais como as que tratam da perspectiva de análise do mundo que isola o elemento sonoro, o que não seria possível para alguns autores; as que remetem à relação de mediação tecno-artística intrínseca ao conceito de paisagem sonora, o que seria uma das contradições de Schafer; a não atenção às diferenças culturais e suas influências nas diferenças de percepção; os julgamentos de valor estético baseados em parâmetros culturais do autor, sobre as diferentes qualidades dos ambientes acústicos; as concepções deterministas e totalizantes sobre estes ambientes; e a perspectiva higienizante na elaboração de paisagens sonoras projetáveis.

No entanto, outras características apontadas em relação à formulação de Schafer nos aproximam do conceito original, principalmente quando é sugerido que “a dimensão sonora dos lugares a que Schafer se refere na paisagem sonora não estaria para a paisagem como essa é entendida na pintura, mas para a paisagem como conceito geográfico.” (INGOLD, 2011 apud ARAGÃO, 2019, p. 3).

⁵ Originada na Alemanha nos anos 1910, a Teoria da Gestalt estuda a percepção e a sensação do movimento, os processos psicológicos envolvidos diante de um estímulo e como este é percebido pelo sujeito.

Seguindo essa linha de pensamento, ressaltamos a consonância entre nossa noção de paisagem sonora e aquela proposta por Schafer, entendendo essa última como particularidade cultural e não como conceito universal, principalmente quando compreendemos a relação entre a paisagem geográfica e suas representações artísticas. Dessa forma podemos conceber a paisagem na experiência e/ou vivência direta no espaço, a partir das descrições, literárias ou orais, via representações artísticas e inclusive por mediação tecnológica.

Nos distanciamos da ideia de Schafer justamente pelo seu caráter determinista, a perspectiva estética higienizante e a abordagem universalizante da percepção humana, que compreendemos como frutos de sua particularidade cultural ocidental. Porém, de maneira geral, compreendemos a relevância na aplicação do termo, fazendo aqui o exercício de estabelecer nosso recorte na relação com a paisagem geográfica e suas possibilidades de leitura vertical, através de composições que contemplem uma multiplicidade de pontos de observação do espaço para uma interpretação de paisagem sonora afrodiaspórica.

Apresentada a relação com o conceito de paisagem sonora conforme originalmente formulado, reafirmamos nossa elaboração a partir das reflexões e práticas sobre a dimensão sonora do espaço percebido a partir da experiência e da vivência corporal em lugares-territórios negros, especificando uma observação geográfica afrocentrada (ASANTE, 2016) para a leitura e a interpretação dos signos sonoros. Assim, nossa interpretação de paisagem relaciona o elemento sonoro às perspectivas culturais de ancestralidade, oralidade e lugar-território.

A partir desse aprofundamento sobre paisagem geográfica e paisagem sonora, apresentamos o embasamento conceitual que, somado aos nossos movimentos de escuta direta, sedimentou o caminho para uma proposição conceitual, um pressuposto de interpretação de paisagem sonora pensado desde dentro, por uma afroperspectiva (NOGUERA, 2012) da experiência de relação do corpo com o espaço na construção de mundos, a partir da cultura como movimento da ancestralidade africana na diáspora.

O trabalho que empreendemos representa um desafio que atende ao propósito de deslocamento da centralidade do modo ocidental de pensar e produzir conhecimento. Na procura por frestas para a inserção da dimensão do sentir enquanto geradora de saber legítimo, o cruzamento pelo qual temos caminhado transpassa o conhecimento do modo científico formal, dialoga com seus pressupostos, porém critica o imperativo de sua hegemonia. É um processo de descolonização da ideia de pensamento único e de verdade universal, movimento necessário para estabelecer o viés afrocentrado e contracolonial (SANTOS, 2015) de nossa epistemologia.

Uma das autoras em que nos baseamos para essa reflexão é a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021). A partir de seus escritos, temos apontado a problematização do predomínio da particularidade eurocêntrica na prática acadêmica, e sua dependência de teorias e de debates conceituais dominados pelo Ocidente. As contribuições teóricas trazidas pelo pensamento de Oyěwùmí, passam, então, pelo questionamento sobre a primazia da visão e sobre o lugar do corpo na produção da diferença pelo Ocidente, além da importação acrítica de categorias ocidentais em estudos africanos e, em nosso caso, afrodiaspóricos.

Para ela “as teorias ocidentais tornam-se ferramentas de hegemonia na medida em que são aplicadas universalmente, partindo do pressuposto de que as experiências ocidentais definem o humano.” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 71). Nessa lógica, a cosmovisão eurocêntrica/ocidentocêntrica em seu caráter hegemônico impõe a hierarquização de outros saberes, impondo, também, seus olhares sobre a diferença, na criação de perspectivas supostamente universais, o que acarreta a desvalorização de outras formas de produção de saber, como, por exemplo, aquelas que têm por base a oralidade.

Ao discorrer sobre a cosmovisão ocidental, Oyěwùmí nos apresenta uma terminologia por ela cunhada, de grande valor para nossa construção. O termo cosmopercepção (sense of world) se ajusta ao nosso trabalho por, além de contemplar sentidos de mundo de grupos culturais subalternizados pelo Ocidente, pela colonialidade, considerar uma percepção do espaço que abarca outros sentidos, como a audição, de forma não hierarquizante. Também se adequa à abordagem de corpo que temos desenvolvido, através do seu reconhecimento como totalidade produtora de saber, racionalidade criadora de mundos.

Dessa maneira, nossa proximidade com a pensadora nigeriana se confirma ainda mais, quando a mesma aponta a importância da audição na percepção de mundo dos iorubás:

Uma estrutura comparativa de pesquisa revela que uma diferença importante deriva de qual dos sentidos é privilegiado na apreensão da realidade – a visão, no Ocidente, e uma multiplicidade de sentidos ancorados na audição, na Iorubalândia. A tonalidade da língua iorubá predispõe a pessoa a uma apreensão da realidade que não pode marginalizar o auditivo. (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 66)

A partir dessa afirmação, podemos partir, então, para alguns questionamentos sobre os quais pudemos basear a elaboração sobre paisagem sonora: seria a noção de paisagem uma herança colonial, aplicada a nosso contexto de diáspora africana? Sendo assim, faria sentido aplicá-la, tal como concebida pelo Ocidente, a um lugar-território negro-africano? Ou, ainda, seria a paisagem uma exclusividade europeia? No próximo tópico faremos reflexões sobre essas questões, tendo como base nossas escutas, leituras e experiências práticas nos lugares-territórios com os quais pudemos estabelecer relações.

4. Paisagem Sonora, Perspectiva Afrodiaspórica

O caminho que temos percorrido na construção dessa interpretação de paisagem sonora tem sido permeado por encontros de muitos aprendizados. O principal deles tem sido desenvolver a escuta atenta às sonoridades do trânsito e da corporeidade nos lugares-territórios afrodiaspóricos por onde temos passado, em especial aqueles com os quais tivemos a oportunidade de experimentar e trocar impressões sobre as vivências dos habitantes.

Como sinalizado anteriormente, o quilombo da família Flores representou o despertar para este percurso. O acolhimento, a disponibilidade da comunidade e sua abertura para este estudo, nos permitiu sentir, pensar e articular uma proposição teórica e prática a partir do encontro, da identificação e da percepção

do espaço quilombola pela partilha de seus saberes e de sua cultura enquanto movimento de sua ancestralidade.

A partir dessa escuta, entender a presença da ancestralidade na constituição de um lugar-território foi um processo que envolvia a imersão no espaço não apenas pelos ouvidos, mas por todo o corpo. A dimensão presencial, corporificada dessa experiência, buscou interagir com a corporeidade pré-existente através da vivência daqueles que habitam a comunidade, de forma intersubjetiva. Nossa leitura de paisagem era uma leitura das afrografias sonoras presentes no lugar-território, sonoridades do presente e do passado, acessíveis pelas memórias daqueles corpos-territórios com os quais nos sintonizamos.

Dessa forma, a percepção de paisagens sonoras se configurava como uma escuta de mundo, partilhada por identificação cultural, do movimento da ancestralidade negro-africana ainda presente, e cujos índices – rezas, cânticos, depoimentos, palavras; jogos/expressões poéticas, toques, tambores, *beats*; tecnologias de produção sonora e relações de escuta; sotaques, improvisos, “bibibi/bobobó” – procurávamos atentar e memorizar através da experiência direta e registrar a partir de instrumentos tecnológicos de captação de som e imagem.

Assim, essa percepção de mundo ou cosmopercepção vem sendo formada a partir do corpo em sua relação com o espaço, não de forma separada, mas sendo o próprio espaço, em total integração. Uma escuta de mundo a partir do corpo, uma apreensão da realidade tal como ela surge como sensação afetiva, compreensão lógica e construção de saber. E esse saber partilhado entre corpos, ritualizado como cultura, por sua vez, entendida como movimento do modo de ser negro-africano em diáspora, temos apre(e)ndido como um jogo impregnado de sentido, que configura a especificidade ontológica de um espaço enquanto lugar-território de origem africana, reconfigurado na diáspora.

Portanto, a paisagem sonora sobre a qual nos referimos traz uma dimensão material, pelo fenômeno sonoro em si; bem como uma dimensão simbólica, por meio dos signos que esses sons carregam; e, ainda, uma dimensão cosmológica/espiritual, a partir da ancestralidade passível de ser percebida através da relação com o corpo enquanto sacralidade. Assim, nossa abordagem atende a uma forma de racionalidade, que não é a do pensamento cartesiano, dualista, não opera a partir dos binarismos, oposições e hierarquizações, característicos dos modos ocidentais de concepção de mundo.

A noção mais difundida de paisagem relaciona-se diretamente ao sentido da visão, tendo suas origens associadas às representações artísticas renascentistas europeias. Nesse caso, seria a paisagem uma exclusividade ocidental? Embora boa parte de nossas proposições sejam oriundas da experiência direta enquanto pessoa negra, da escuta atenta aos saberes de mestras e mestres da oralidade e de leituras de autores africanos e afrodiaspóricos, buscamos também autores ocidentais que tratam diretamente da dimensão ontológica da compreensão de paisagem em culturas diversas.

Augustin Berque (2019) aborda a noção de paisagem a partir de suas origens na China do século IV e na Europa do século XIV. Com isso, o geógrafo francês, além de afirmar o referido conceito como histórica e geograficamente situado, aponta que nem todas as culturas estabeleceram essa categoria tal como o autor

caracteriza, a partir de critérios por ele elencados. Assim, a paisagem não é encarada como uma elaboração universal. Berque nos apresenta, também, a ideia de cosmofania. Para o autor,

A partir do momento em que se estabelece necessariamente uma certa relação entre as sociedades humanas e o meio que habitam, e a partir do momento em que a noção de paisagem não é universal, torna-se necessário, portanto, um conceito mais geral do que a noção de "paisagem" para qualificar o sensível lado da referida relação, ou seja, o fato de que o meio sempre aparece de uma certa maneira para as diversas sociedades humanas. Esse conceito é o da cosmofania, ou seja, a forma como o mundo (kosmos) se manifesta (phainei) para determinada sociedade. A paisagem é uma modalidade de cosmofania entre outras, que cabe às ciências humanas inventariar e qualificar resguardando-se do reducionismo, do etnocentrismo e do anacronismo⁶. (BERQUE, 2019)

A cosmofania pode ser compreendida, então, como uma noção mais ampla, que abarca a diversidade das possibilidades de percepção do espaço, enquanto meio, pelas sociedades, conforme ele se manifesta. Se para os europeus a ideia de paisagem, desenvolvida a partir da pintura e atrelada ao sentido da visão, surge de forma adequada à primazia desse sentido em sua cultura; e se para os chineses a paisagem surge também a partir de critérios visuais, somados a maiores possibilidades de abstração subjetiva, sendo expressa através da pintura e da poesia (BERQUE, 2019), que tipo de cosmofania teria surgido entre os povos africanos, que em muitos casos desenvolveram cosmopercepções que têm como base uma multiplicidade de sentidos, ancorados na audição? (OYĚWŪMÍ, 2002).

Essa indagação é um interessante caminho, que pretendemos desenvolver em uma abordagem futura. Por ora, reafirmamos o foco desse tópico em refletir sobre a adequação da noção de paisagens sonoras para o estudo dos lugares-territórios negro-africanos da diáspora, caracterizados por cruzamentos culturais de origens e influências diversas e marcado pelo contexto de violência do sistema-mundo moderno/colonial (QUIJANO 2013, apud MARCELINO, 2020).

A leitura do poeta e escritor Michel Collot (2015) também trouxe importantes questões para pensarmos a presença da paisagem nas expressões artísticas e tradições culturais do continente africano. Collot questiona a adequação da noção de paisagem conforme forjada no contexto europeu perante a relação que as sociedades e consciências africanas estabelecem com seu ambiente.

Trazendo como recorte as representações de paisagens nas literaturas africanas – ausente na literatura/oralidade tradicional, presente na produção moderna neo-africana – o autor indaga se essa noção seria exógena, tal como uma herança colonial; ou se, de certa forma, ela é reconfigurada de acordo com o modo de ser africano, a partir da subjetividade dos escritores do continente, tornando-se, assim, mais adequada às ontologias africanas.

⁶ Tradução nossa. No original: "Du moment qu'une certaine relation s'instaure nécessairement entre les sociétés humaines et l'environnement qu'elles habitent, et du moment que la notion de paysage n'est pas universelle, un concept plus général que la notion de « paysage » s'impose donc pour qualifier le côté sensible de ladite relation, c'est-à-dire le fait que l'environnement apparaît toujours d'une certaine façon aux diverses sociétés humaines. Ce concept, c'est celui de cosmophonie, autrement dit la manière dont le monde (kosmos) se manifeste (phainei) à telle ou telle société. Le paysage est une modalité de la cosmophonie parmi d'autres, qu'il revient aux sciences humaines d'inventorier et de qualifier en se gardant du réductionnisme, de l'ethnocentrisme et de l'anachronisme."

Da elaboração teórica de Collot, alguns pontos nos interessam mais diretamente. O primeiro deles diz respeito à ênfase dada ao sentido da audição e à totalidade do corpo, que ele reconhece como especificidade do modo de ser africano: “a percepção e a expressão do espaço se ancoram mais pela audição e pela cinestesia do que pela visão, especialmente através das artes da dança e da música”⁷ (COLLOT, 2015).

Outro ponto importante é a percepção do autor sobre a subjetividade africana, que por apresentar um caráter coletivo, nesse sentido mostra-se distinta do caráter individualista da subjetividade europeia. Em seu pensamento, a expressão da paisagem feita por escritores africanos enfatiza menos o ponto de vista individual do que a ligação entre o ambiente e a comunidade.

As descrições desses artistas são carregadas de afeto, vão além da percepção direta, lógica, da racionalidade materialista europeia, abarcando também a descrição do sentido afetivo, de um imaginário coletivo. Isso constatado, a percepção africana contemplaria “menos uma distância estética perante o ponto de vista de uma paisagem, do que seu pertencimento à Terra e ao território”⁸ (COLLOT, 2015).

É importante perceber como, para essa interpretação africana, a ideia de paisagem se apresenta como constituinte do sujeito, ao mesmo tempo em que esse se apresenta como constituinte da paisagem. Esse sentido sintoniza-se bastante com nossa percepção direta de paisagens sonoras a partir de uma total integralidade do corpo observador em relação ao espaço. O texto de Collot aponta também para uma especificidade da racionalidade africana, que não separa o corpo e o espírito, na produção de conhecimento e na relação com o mundo.

Essa dimensão da espiritualidade pode ser percebida na cosmopercepção, que vai além das aparências, buscando as essências, os sentidos das coisas, e em que tudo é signo e significado. Por essa via, a subjetividade africana reflete uma “concepção mística ou mágica do mundo (...) a paisagem é sentida e vivida como o lugar onde se exercita o pensamento no espaço”⁹ (COLLOT, 2015).

Trouxemos esse diálogo a partir de autores europeus também como um exercício de reflexão sobre o processo de construção de legitimidade que é esperada de um trabalho científico. A noção de paisagem que apresentamos aqui tem sua origem nos aprendizados, principalmente do corpo, a partir das já referidas experiências em lugares-territórios negros. Nossa abordagem constrói o saber a partir da sensibilidade do corpo atrelada à reflexão intelectual e às práticas de observação empírica, confirmadas pelos nossos pares de corporeidade negra, nossa individualidade-coletiva. Sentir, pensar e fazer são, dessa forma, instâncias imprescindíveis nesse processo.

O levantamento bibliográfico dessa seção vem trazendo confirmações, aprimorando questionamentos e apontando críticas às práticas hegemônicas, em um processo que busca apenas ratificar o que dizem as nossas percepções,

⁷ Tradução nossa. No original: “la perception et l’expression de l’espace y relèvent davantage de l’ouïe et de la kinesthésie que de la vue, notamment à travers les arts de la danse et de la musique.”

⁸ Tradução nossa. No original: “moins une distance esthétisante vis-à-vis d’un paysage (Landscape) que leur appartenance à la Terre et à un territoire (Land)”.

⁹ Tradução nossa. No original: “conception mystique ou magique du monde (...) le paysage est senti et vécu comme le lieu d’exercice d’une pensée dans l’espace”.

cooperando, assim, na construção da legitimidade de um discurso elaborado enquanto escrevivência do corpo negro. É a nossa agência, a nossa localização e as nossas trocas em comunidade que legitimam essa perspectiva de racionalidade a partir do corpo.

Retomando o diálogo com Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2002, 2021) pudemos compreender a noção de corpo ocidental, que historicamente vem impondo uma série de hierarquizações, produtoras de diferença a partir do sentido da visão e sua primazia perante os corpos não essencializados no homem europeu, síntese do que o Ocidente considera como humanidade em seu mais alto grau. Essa relação de dominação tem sua origem em um tipo de racionalidade que cria binarismos, tal como a dualidade mente e corpo.

Nesse sentido o corpo é subalternizado, criando categorias sociais como gênero e raça. Assim, as humanidades corporificadas – não brancas – vêm sofrendo opressões e violências diversas enquanto práticas de dominação que acarretam genocídios e epistemicídios. No entanto, as relações ontológicas e epistemológicas com o corpo são diversas. E é a partir da África e de sua diáspora que essas formas de conceber o corpo se tornam referências para nossa elaboração.

O escritor e etnólogo malinês Amadou Hampaté Bâ (1981, 2010) apresenta valiosas contribuições sobre as noções de pessoa, corpo e palavra em um sentido negro-africano. Trazendo conhecimentos a partir de povos da atual região do Mali (Fula e Bambara) ele aborda, entre outros temas, a multiplicidade de pessoas que compõem um mesmo indivíduo, em seu corpo físico:

(...) segundo as tradições consideradas, o ser humano não é uma unidade monolítica, limitada a seu corpo físico, mas sim um ser complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Ele não se trata, portanto, de um ser estático, ou concluído. A pessoa humana, como a semente, evolui a partir de um capital primeiro, que é seu próprio potencial e que vai se desenvolvendo ao longo da fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas. As forças liberadas por esta potencialidade estão em perpétuo movimento, assim como o próprio cosmos. (HAMPATÉ BÂ, 1981, p. 3)

De modo que a pessoa, em seu processo de existência terrena, está em constante movimento de tornar-se, um existir contínuo sempre por aprimorar-se no sentido de encontrar a sua essência. É nesse percurso, a pessoa está sempre se construindo a partir de uma perspectiva relacional, com outros sujeitos, com o espaço e mesmo com o divino.

Em primeiro lugar, a pessoa está ligada a seus semelhantes. Não a concebemos isolada, independente. Da mesma maneira que a vida é unidade, a comunidade humana é uma e interdependente.

As relações humanas, codificadas, fizeram nascer um protocolo, um saber-viver, e geraram uma civilização social cujas regras são transmitidas de boca a boca e tomam corpo no teste da própria vida.

Sempre em virtude do profundo sentimento da unidade da vida, a pessoa humana não é cortada a partir do mundo natural que a rodeia e com o qual mantém relações de dependência e equilíbrio. (HAMPATÉ BÂ, 1981, p. 8)

Partamos agora ao diálogo com o professor Julvan Moreira de Oliveira (2019), que aborda a concepção de pessoa na perspectiva afrodiáspórica a partir dos povos banto e iorubá, dois dos principais povos africanos que configuram a diáspora brasileira. Oliveira apresenta as ideias de transcendência vertical e transcendência horizontal, no processo contínuo de tornar-se pessoa. De acordo com o autor

Podemos chamar de transcendência horizontal esse modo de relacionar-se com o outro, capaz de gerar o “nós”, real como o eu e o tu. A fenomenologia fala de um nós como de uma realidade que ultrapassa o eu e o tu, mas as africanidades chegam a falar de pessoas coletivas, aludindo à centralidade da aspiração à comunhão. Entre a simples vizinhança e a comunhão há toda uma gama de matizes que qualificam o compromisso de criar com os outros uma sociedade de pessoas cujas estruturas, costumes, sentimentos e instituições sejam marcados pela sua natureza de pessoas. (OLIVEIRA, J., 2019, p. 50).

Por esse caminho, em nossas experiências e vivências em diversos lugares-territórios – quilombos, terreiros, rodas de capoeira – encontramos essa construção de pessoa coletiva. A partir de uma afroperspectiva centrada na experiência com o quilombo da família Flores, pudemos perceber a dimensão da coletividade, que se manifestou no acolhimento que recebemos enquanto pessoas negras, em um sentido bastante atrelado à nossas condições corpóreas e à necessidade de um aquilombamento em um contexto cotidiano de racismo e xenofobia.

Essa percepção vinculada ao corpo aquilombado foi algo que, somado ao desenvolvimento da atenção por meio da escuta, foi se integrando ao aprendizado pela oralidade e às formas de apreensão de saberes na relação com espaço, entendido como lugar-território. De tal forma, os saberes do corpo iam se sedimentando, na medida em que íamos construindo os vínculos de afeto e pertencimento, enquanto pessoas coletivas.

O corpo em um sentido negro-africano, de acordo com Hampaté Bâ (1981), para além de sua dimensão física enquanto morada da multiplicidade de pessoas no indivíduo, abarca também uma dimensão sagrada, vinculada à terra, entendida como princípio cosmológico relacionada ao materno. Com isso, o corpo é, no ser humano, uma matriz fecundável, que recebe a água da vida, o sopro divino e o dom da fala como poder de criação (HAMPATÉ BÂ, 1981, 2010).

Ao referir-se ao sentido sagrado de “palavra” segundo a tradição bambara, Hampaté Bâ apresenta como Maa Ngala, o ser supremo dotou o ser humano (Maa) com essa força:

Como provinham de Maa Ngala para o homem, as palavras eram divinas porque ainda não haviam entrado em contato com a materialidade. Após o contato com a corporeidade, perderam um pouco de sua divindade, mas se carregaram de sacralidade. Assim, sacralizada pela Palavra divina, por sua vez a corporeidade emitiu vibrações sagradas que estabeleceram a comunicação com Maa Ngala.

A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 171-172).

A partir dessa concepção, podemos entender as relações entre fala, corpo e sonoridades em uma perspectiva que contempla as dimensões material, simbólica

e espiritual, na qual o corpo, enquanto totalidade, tem o poder de projeção da palavra e criação de mundo através da reconfiguração de sua relação com o espaço. Ainda Hampaté Bâ:

Maa Ngala, como se ensina, depositou em Maa as três potencialidades do poder, do querer e do saber, contidas nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. Vivificadas pela Palavra divina, essas forças começam a vibrar. Numa primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala. A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou exteriorização, das vibrações das forças.

Assinalemos, entretanto, que, neste nível, os termos “falar” e “escutar” referem-se a realidades muito mais amplas do que as que normalmente lhes atribuímos. De fato, diz-se que: “Quando Maa Ngala fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala”. Trata-se de uma percepção total, de um conhecimento no qual o ser se envolve na totalidade.

Do mesmo modo, sendo a fala a exteriorização da vibração das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É por isso que no Universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 172).

Nesse sentido, podemos compreender – de outra forma, por meio de um texto escrito – aquilo que alguns mestres de capoeira, como Mestre Jaburu e o Mestre Joab Jó, nos ensinaram sobre o falar e o dizer do corpo. Tudo é corpo. É o corpo, revestido de poder de criação, quem fala. A partir da oralidade, pela palavra sonora, gestualizada, corporificada, podemos perceber o mundo, por meio da sensibilidade, pela escuta do corpo.

Através do corpo, as escrevivências e as afrografias das memórias da experiência negra na diáspora podem ser lidas ou escutadas. Em uma relação direta com o espaço, podemos escutar essas palavras de força ancestral a partir de como são projetadas ou evocadas na paisagem. Podemos, então, compreender como elas constituem as especificidades culturais de um lugar-território, a polissemia de suas vozes enquanto presenças atuais e ancestrais negro-africanas, enquanto marcas na paisagem.

Pensar as conexões entre fala, corpo e sonoridades a partir de uma afroperspectiva nos leva a compreender que há uma coerência, uma maior adequação das cosmopercepções africanas e afrodiaspóricas em relação à noção de paisagem sonora, tal como a temos considerado. Ao partir da sensibilidade africana como um modo de acesso ao sentido das coisas, a essência para além das aparências, encontramos uma possibilidade de concepção de paisagem – em sua amplitude de abordagens – não apenas como fisionomia, materialidade; mas também como signo (simbologia – marcas e sinais) e como espiritualidade (ancestralidade, força vital).

Afirmando o caráter da racionalidade que estamos considerando, que traz como base as filosofias africanas e afrodiaspóricas, compreendemos que contemplar paisagens é também assumir a forma como elas se manifestam enquanto emoção. Uma cosmopercepção que implica uma relação com o espaço, enquanto meio, tanto de maneira lógica, como de forma afetiva. Um estado de mente, que é também estado de corpo e estado de espírito.

Por esse via, a paisagem sonora se sintoniza com o observador que assume uma perspectiva de dentro. Essa localização diz respeito diretamente à corporeidade negro-africana na diáspora, um corpo-território no momento de conexão com lugares-territórios negros. É um lugar de escuta de não-neutralidade, de não isolamento do mundo, uma comunhão. O corpo individual no encontro com outros corpos (humanos, animais, minerais, objetos) e com o espaço cria uma integração intersubjetiva para a reconfiguração do espaço como lugar, que no contexto da diáspora é, também, território.

A pessoa torna-se coletiva e integra-se a um conjunto unitário, em constante movimento. Esse movimento de criação de mundo, ritualização de práticas e semeadura simbólica sobre a terra, sobre o chão, é a cultura, que age enquanto movimento da ancestralidade (OLIVEIRA, E., 2005). É a integração cosmológica do ser no espaço, enquanto instância objetiva/material (ambiente), que se manifesta como meio, percebido como paisagem (ou outra cosmofania), vivenciado como lugar, projetado enquanto território.

Ensaíamos a elaboração desse ciclo de interação como um conjunto unitário, da seguinte maneira: o corpo projeta-se por meio da palavra, que, por sua vez, se expande para o meio. O meio, então, agrega em si essa palavra e, na medida em que ela tem sua projeção emanada, ela é passível de ser lida pela experiência ou inscrita na vivência do corpo que a escuta, como paisagem. Essa seria a perspectiva de paisagem sonora tal como percebida pela experiência e identificação com o meio, ou pela vivência e pertencimento ao lugar.

Uma relação construída a partir das sensibilidades quando em contato com o meio; e que aponta para um processo de configuração gradual dessa relação com o espaço enquanto lugar. Por essa perspectiva, nossa elaboração traz grande afinidade com a concepção de paisagem enquanto marca e matriz (BERQUE, 1998). Entretanto, estamos considerando até agora a paisagem enquanto percepção, quando sua leitura é realizada na observação direta do corpo no espaço.

Entendemos também a paisagem sonora enquanto representação. Em nossa experiência com o audiovisual, o design e a arte sonora, ensaiamos a elaboração de paisagens sonoras por meio de descrições, nas quais consideramos as narrativas da oralidade, bem como as narrativas escritas, transcritas e performadas; e, dentre as representações, as paisagens sonoras enquanto composição, seja a partir de excertos de som captado diretamente, seja por meio de composições sonoras e/ou musicais.

No caso do registro audiovisual, pudemos ter também uma noção da dimensão gestual do corpo enquanto palavra. Essas experiências artísticas com foco em paisagens sonoras, bem como as composições criadas para ressaltar as presenças dos corpos e suas memórias, nos fazem refletir sobre cosmopercepções africanas que compreendem as manifestações espaciais a partir da multiplicidade de sentidos, ancorados na audição (OYĒWUMÍ, 2021).

Por fim, podemos concluir que, articulando essa compreensão com a ideia de cosmofania trazida por Berque, nos parece razoável entender as paisagens sonoras como possibilidades de cosmofania mais adequadas às ontologias africanas e afrodiaspóricas. As noções de paisagem, tal como ocorridas na China e na Europa, tinham uma vinculação direta com representações através da imagem visual, fossem

elas pictóricas ou abstrações do imaginário sugeridas poeticamente (BERQUE, 2019).

No caso de povos africanos e afrodiáspóricos, refletimos sobre as possibilidades de expressões culturais, tais como as realizadas pelos griot/djeli. Suas atividades envolvem o registro, manutenção e partilha das memórias e fatos históricos de povos, pessoas notáveis e grupos sociais por meio de narrativas orais, onde a fala, a escuta e o movimento corporal são performados enquanto técnicas narrativas.

Essa tradição oral nos conduz à ideia de *performance* do corpo, ainda presente em expressões culturais de origem africana no Brasil, que temos referido em nossos estudos como afrografias, adotando o termo cunhado por Leda Maria Martins (2021). E, também, nos incita a pensar em possíveis paralelos técnicos/tecnológicos entre a apreensão da memória oral, suas sonoridades e gestualidades por meio de técnicas do corpo enquanto receptáculo de memória; e os registros sonoros e audiovisuais dessas memórias enquanto paisagens, por meio de gravações com aparatos tecnológicos.

Nesse sentido, algumas possibilidades de representação podem ser articuladas. Em uma perspectiva de concepção de paisagens sonoras geográficas, ou geofonográficas, a composição sonora a partir de técnicas de edição e mixagem podem propor uma multiplicidade de pontos de escuta, buscando, assim uma perspectiva sintética de representação, ou seja, uma observação vertical das paisagens. Por outro lado, pode-se também pensar na relação de paisagem com as dimensões estética e política de forma articulada, tal como já ocorreu em momentos diversos das concepções de paisagem.

Historicamente, muitas elaborações de paisagem tinham o sentido estético/político de afirmação do poder das elites, tanto no contexto do continente europeu, quanto na exportação desse modelo para o continente americano, enquanto imposição colonial. A abordagem de paisagem sonora afrodiáspórica também busca uma proposição estética/política. No entanto, a lógica é bem outra: para nós, as paisagens afrossonoras são sentidas, pensadas e construídas como expressão artística/política de afirmação contracolonial, a partir das experiências e vivências em lugares-territórios negros, como afirmações de sua presença e de seu poder.

5. Considerações Finais

Por essas linhas apresentamos de forma sucinta o processo de desenvolvimento de um pressuposto de interpretação para paisagens sonoras afrodiáspóricas. Orientada para a observação dos índices da presença da ancestralidade negro-africana em alguns lugares-territórios nos quais tivemos oportunidades de interagir, buscamos aprofundar as reflexões sobre a produção do espaço geográfico a partir de ontologias e epistemologias hereditárias do continente africano, presentes na atualidade de sua diáspora.

Conforme mencionamos no decorrer da argumentação, estudos sobre essa produção a partir de elementos sonoros no contexto brasileiro ainda são recentes. Encaramos o desafio de aprofundar de forma crítica o uso do conceito de paisagem,

sua abordagem geográfica e sua aplicação em relação a alguns modos de ser afrodiaspóricos, iniciando uma elaboração teórico-prática através da qual buscamos articular essa abordagem por meio de um recorte que entendemos como mais adequado às cosmopercepções negras em diáspora.

Quando falamos de uma apresentação sucinta, afirmamos o foco, para esse artigo, na elaboração conceitual. Questões de embasamento em epistemologias, métodos e metodologias podem ser acessadas a partir de minha dissertação de mestrado (QUEIROZ, 2023), da mesma forma que terão continuidade no nosso atual processo de desenvolvimento no âmbito do doutorado. Dessa maneira, entendemos a presente elaboração como um aprofundamento contínuo de uma ciência viva, sempre em busca de aprimoramento em sintonia com as práticas de campo e imersão em outros lugares-território.

Ainda temos muito a conhecer. Buscamos seguir o movimento da ancestralidade que vem nos conectando a diferentes espacialidades. Almejamos que essa dinâmica de encontros nos ofereça novas oportunidades para pensar outras formas de conceber mundos e produzir espaços, a partir, também de outros referenciais, como os de comunidades indígenas e afro-indígenas em contextos urbanos e rurais. Como desenrolar de nossa atividade militante, artística e científica, pretendemos encontrar, colaborar e fortalecer diferentes corporeidades e suas diferentes formas de enunciação e projeção espacial, suas sonoridades e demais expressões de criação de mundos.

Portanto, muito ainda precisa ser aprofundado, o que nos anima a entender diferentes relações suscitadas pelo estudo das paisagens afrossonoras. Alguns dos pontos que merecem dedicação em um futuro próximo: a relação das referidas paisagens com a dimensão da temporalidade espiralar, em diálogo com a proposição de Leda Maria Martins; a referência dessa afroperspectiva com as geografias negras; refletir, para além da paisagem, sobre possíveis outras cosmofanias em comunidades negro-africanas; uma abordagem mais específica sobre a dimensão cosmológica da paisagem; e, por fim, realizar um maior detalhamento sobre as paisagens afrossonoras enquanto categoria de análise de lugares-territórios negro-africanos. A cada novo encontro temos mais indagações e mais possibilidades a se trilhar, pois múltiplos são os sentidos pelos quais ancoramos nossa escuta.

Referências

ARAGÃO, Thaís A. Paisagem sonora como conceito: tudo ou nada? *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 19, 2019. DOI: 10.5216/mh.v19.53417. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/53417>. Acesso em 2 abr. 2023.

ASANTE, Molefi K. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. *Ensaio Filosóficos*, v. XIV, p. 9–18, 2016. Disponível em: http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/O2_ASANTE_Ensaio_Filosoficos_Volum_e_XIV.pdf. Acesso em 18 dez. 2021

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 84–91.

BERQUE, Augustin. Onto/logique du paysage et dépassement de la modernité. Colloque AQAPA “À qui appartiennent les paysages en Asie?”. Tours, Jan, 2019. Disponível em: <https://aqapa.hypotheses.org/files/2019/01/Berque-Onto.logique-du-paysage.pdf>. Acesso em 2 abr. 2023.

COLLOT, Michel. Le paysage africain: ancestral ou colonial? *Études littéraires africaines*, n. 39, p. 11–24, 23 set. 2015. DOI <https://doi.org/10.7202/1033128ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ela/2015-n39-ela02076/1033128ar/>. Acesso em 2 abr. 2023.

FERREIRA GUIMARÃES, G. Geo-grafias negras & geografias negras. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 292–311, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/866>. Acesso em 5 ago. 2024.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). *La notion de personne en Afrique Noire*. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192. Disponível em:

https://www.palathena.org.br/downloads/amadou_hampat%C3%A9_b%C3%A2_ano%C3%A7%C3%A3odepessoana%C3%A1fricana.pdf. Acesso em 2 abr. 2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Ed.). *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. v. 1p. 166–205.

MALANSKI, Lawrence. M. O interesse dos geógrafos pelos sons: alinhamento teórico e metodológico para estudos das paisagens sonoras. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, v. 40, n. 0, p. 145–162, 23 ago. 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v40i0.46154>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/46154>. Acesso em 2 abr. 2023.

MARCELINO, Jonathan. As marcas da colonialidade: raça e racismo na produção do pensamento geográfico. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. Ed. Especi, p. 435–457, 13 abr. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/871>>. Acesso em 02 abr. 2023.

MARTINS, Leda. M. *Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. 2. ed. Belo Horizonte: São Paulo: Mazza Edições; Editora Perspectiva, 2021.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a Educação: Um Ensaio Filosófico para uma Pedagogia da Pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)*, [S. l.], n. 18, p. 62–73, 2012. DOI: 10.26512/resafe.v0i18.4523. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523>. Acesso em 2 abr. 2023.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira*. Orientador: Orientador: Henrique Antunes Cunha Jr. - 2005. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em

Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/36895>. Acesso em 2 abr. 2023.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. A Concepção de Pessoa na Perspectiva Afrodiaspórica. *Problemata*, v. 10, n. 2, p. 43–55, nov. 2019. DOI <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49117>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49117>. Acesso em 2 abr. 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. *Revista do PPGCS-UFRB-Novos Olhares Sociais*, v. 1, n. 2, p. 294–317, 2002. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/452>. Acesso em 2 abr. 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A Invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYỌ́, M. C. DE. *O Batuque de Nação Oyo'no Rio Grande do Sul*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2020.

QUEIROZ, Gabriel. OuvidoChão - Identidades Quilombolas | Ep. 1: Quilombo Fidélix. Brasil. *Cineclube Bamako*, 2019. Disponível em: https://youtu.be/shoqG_BYCol. Acesso em 2 abr. 2023.

QUEIROZ, Gabriel; FRANCO, Irla. OuvidoChão - Cartas Quilombolas. 2019. Instalação de Arte Sonora, *Bamako Produção*. Disponível em: <https://ouvidochao.art/instalacao/>. Acesso em 2 abr. 2023.

QUEIROZ, Gabriel. OuvidoChão - Identidades Quilombolas | Ep. 2: Quilombo Flores. Brasil. *Cineclube Bamako*, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/iKrfUNqALQQ>. Acesso em: 2 abr. 2023

QUEIROZ, Gabriel. *Ecos de um lugar-território: índices de ancestralidade nas paisagens sonoras do Quilombo Flores entre 2018 e 2022*. Dissertação - Porto Alegre: UFRGS, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/263748>. Acesso em 5 ago. 2024.

RAMOSE, Mogobe B. et al. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana / On the legitimacy and study of African Philosophy. *Revista Ensaios Filosóficos*, v. IV, p. 6–23, 2011. Disponível em: https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf. Acesso em 2 abr. 2023.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SANTOS, Antônio B. *Colonização, quilombos: modos e significações*. [s.l.: s.n.] Brasília, 2015.

SCHAFER, Raymond M. *A Afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001

SUESS, Rodrigo. Geografia humanista e a geografia cultural: encontros e desencontros! a insurgência de um novo horizonte? *Élisée - Revista de Geografia da UEG*, v. 6, n. 2, p. 94–115, 12. Jan. 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6999>. Acesso em 2 abr. 2023.